

# humanitas

Vol. XLIX

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



# HUMANITAS

Vol. XLIX • MCMXCVII



como um conceito que é, em si mesmo, histórico e onde o concurso popular é decisivo.

Antes de passar à análise dos movimentos escolhidos, Martínez – segundo um critério que nos parece vantajoso – considera primeiro a tradição histórica antiga (de que ressalta o nome de Políbio) relativa a esses mesmos fenómenos e, depois, a historiografia moderna, passando por Droysen, pelos Modernistas, pelo Marxismo soviético e, finalmente, pelos Empiristas; dessa abordagem ressalta a ideia de que qualquer tema histórico deve ser visto como parte de um processo que abarca a própria historiografia. Só quando recorda e discute os principais contributos dessas correntes – com profundidade, mas sem descurar uma certa sobriedade didáctica – é que se debruça sobre o problema concreto das rebeliões populares em determinadas *poleis* gregas, tendo em conta a relação destas últimas com a sua progressiva submissão a Roma. Conclui que o aumento sem precedentes da escravatura (fomentado pelo domínio romano), aliado à decadência global do conceito de democracia, veio tornar menos clara a distinção entre escravos e cidadãos. Por outro lado, foram a escravização de pessoas livres e a sua concentração em determinadas áreas que criaram as condições para a ocorrência de revoltas. Mas a esta crise no sistema esclavagista não correspondeu uma ideologia que pretendesse substituir a ordem vigente por uma inovação política e social. Os grupos revoltosos defendiam apenas determinados valores perdidos (liberdade pessoal) ou um recuo no tempo (obedecendo a uma visão gloriosa do passado) ou então privilégios (direito ao trono, existência de um reino) em vias de desaparecimento. Por esta ausência de horizontes sociais e políticos mais vastos, estas revoltas estavam condenadas ao fracasso, constituindo apenas focos de resistência efémera contra uma potência dominante.

Com este livro, e a despeito de optar por se centrar nos casos mais importantes, parece-nos que Martínez consegue dar uma visão crítica global do fenómeno das rebeliões populares na Época Helenística. Fica, ainda, bem patente a forma como domina este campo de estudo, através da grande quantidade de bibliografia especializada que discute (muitas vezes em nota, para se não desviar da essencialidade da questão) e que, no fim, organiza de forma sistemática em várias dezenas de páginas.

DELFIN FERREIRA LEÃO

COULET, CORINNE, *Communiquer en Grèce Ancienne. Écrits, Discours, Information, Voyages...*, Paris, Les Belles Lettres, 1996

Publicado em 1996 pela Les Belles Lettres, *Communiquer en Grèce Ancienne. Écrits, Discours, Information, Voyages...*, da helenista Corinne Coulet, é o 13º volume

da coleção *Realia*, dirigida por Jean-Pierre Néraudau.

Na abertura da “Introduction”, onde expõe claramente o assunto e os objectivos que se propõe atingir, afirma a autora que “La communication est un concept moderne” (p. 12). Por isso, uma vez que pretende estudar a Grécia Antiga, torna-se imperativo responder a duas questões: será legítimo aplicar uma noção moderna à Antiguidade e, se sim, deverá o autor ter em conta as teorias actuais da comunicação? Nas palavras de C. Coulet, a noção de comunicação tornou-se central para compreender as sociedades contemporâneas e esta mesma noção pode fornecer um instrumento de análise das civilizações mais antigas. Só assim se compreende a aplicação de um conceito moderno a uma civilização como a Grécia Antiga (pp. 12-13).

A autora propõe-se seguir uma abordagem descritiva do que entende por comunicação na Grécia Antiga, isto é, “... les échanges et la circulation de paroles, d’écrits, de personnes, d’un lieu à un autre, ou à l’intérieur d’un même lieu comme l’ agora, la place publique. On s’attachera à résoudre des questions toutes pratiques (...)” (pp. 12-13). Ora, os temas a abordar poderiam ser inúmeros e daí a necessidade de delimitar o âmbito deste estudo. Por conseguinte, o ponto de partida é uma abordagem descritiva da comunicação no interior da pólis; em seguida, da comunicação entre as diversas cidades gregas e, finalmente, entre as comunidades gregas e o mundo não grego. Do ponto de vista cronológico, não obstante ter consagrado a primeira parte ao aparecimento da escrita e ao mundo homérico, a autora fixa-se principalmente nos períodos arcaico e clássico, mas faz ainda algumas breves referências à época helenística. Estas considerações reflectem-se francamente na estrutura da obra que aparece dividida em cinco partes principais — “Lés débuts”; “La communication dans la cité grecque”; “Le cas d’Athènes”; “La communication entre cités”; “La communication avec le monde non grec” —, seguidas de conclusão, um apêndice sobre Hermes, patrono dos viajantes, notas, bibliografia sumária, tabela cronológica, léxico de termos técnicos e um índice analítico de matérias.

Já nos referimos à primeira parte (pp. 17-54), na qual a autora descreve o contexto do nascimento da escrita, que situa entre os séc. XVI e XIV a.C., que se prende com necessidades de ordem económico-administrativa, e não com o objectivo de instaurar uma comunicação, e as razões do desaparecimento do Linear B, o primeiro sistema de escrita dos Gregos. O capítulo seguinte é dedicado à literatura oral no mundo homérico. Em “La communication dans la cité grecque” (pp. 55-115), estuda os espaços de comunicação comuns à generalidade das cidades gregas (a agora, os santuários, o teatro, o ginásio), as estruturas da elaboração e difusão do livro, as inscrições públicas. Na terceira parte (pp. 117-153), é a comunicação política em Atenas que se analisa. A pólis por excelência, com as suas instituições políticas originais, merece naturalmente um lugar à parte. Digno de atenção é também um assunto que nos últimos tempos tem

despertado o interesse dos investigadores: a Retórica. A difamação, a propaganda e a censura, temas frequentes nas comédias de Aristófanes, encerram esta terceira parte. Os meios e as vias de comunicação, a acção dos mensageiros e dos arautos, a importância dos Jogos Pan-Helénicos são abordados na quarta parte (pp. 155-191). Finalmente, as viagens e as relações com o estrangeiro são alguns dos assuntos da última parte (pp. 193-221). Comunicação significa também transmissão de cultura. Justifica-se, por isso, um capítulo sobre a fundação e o desaparecimento do que foi um dos grandes centros culturais da Antiguidade: a grande biblioteca de Alexandria (pp. 214-221).

As análises da autora são, em geral, acompanhadas de citações de autores gregos, desde Homero aos autores mais tardios. Heródoto e Tucídides surgem em evidência e só temos a lamentar a falta do original grego e de um índice de citações. Numa advertência inicial, a autora faz saber que modificou deliberadamente algumas das traduções citadas (em geral, a partir das publicadas na Collection des Universités de France, Les Belles Lettres), no sentido de as tornar acessíveis e modernas. Depressa compreendemos que este estudo se destina também a um público não especialista, o que se inscreve plenamente no espírito da colecção *Realia*. Este facto explica a ligeireza com que alguns assuntos são tratados e a exclusão de outros, designadamente a questão homérica (cf. n. 5 à primeira parte). Por outro lado, é uma obra razoavelmente bem documentada, mas esperávamos, por vezes, mais rigor da parte da autora; por exemplo, em que texto fundamenta a afirmação da p. 28 sobre o poeta Simónides? De entre as afirmações mais questionáveis, salientamos a da p. 85, onde escreve que as mulheres gregas viviam encerradas no gineceu, uma teoria que nos últimos anos tem sido vigorosamente criticada.

A Grécia inventou (ou desenvolveu) as principais técnicas de comunicação — o alfabeto e a retórica — e os espaços de comunicação. Desde o nascimento da escrita, a importância da palavra na sociedade homérica, os rituais da hospitalidade, os espaços de convívio, as instituições políticas atenienses, a elaboração e difusão do texto escrito, os sofistas, a retórica, as viagens... são muitos os assuntos abordados no âmbito de um estudo geral sobre comunicação na Grécia arcaica e clássica. Sentimos, por vezes, uma certa dispersão ou afastamento em relação ao assunto principal, mas parece-nos que os objectivos de C. Coulet são plenamente alcançados: numa linguagem precisa, acessível e agradável, a autora consegue levar junto de um público, que se adivinha maioritariamente não especialista, um estudo de conjunto sobre o funcionamento da pólis grega e das suas principais instituições. É, portanto, uma obra útil, que interessa não só a iniciantes, como também a quem já tem conhecimentos nesta área do saber.